

Judaísmo como anti-paganismo.

Quem, como o presente articulista, está em posição ambivalente face ao judaísmo, (estando ligado a ele pelo destino e desligado dele pela Vivência) pode almejar uma visão despreendida sobre ele. Trata-se, por certo, de meta dificilmente alcançável. Estamos todos empenhados no judaísmo, não somente os que descendem de judeus, mas todos os ocidentais. Entretanto é o despreendimento uma posição a ser procurada sempre, se quisermos conquistar "conhecimentos objetivos".

Visto assim, "sine ira et studio", oferece o judaísmo dois aspectos desconhecidos: a sua origem mítica e a sua continuidade persistente. Limitarei as minhas considerações ao primeiro aspecto. O judaísmo surgiu "in illo tempore", no curso de uma série de contactos violentos entre o homem e o "Sou quem Sou". É uma série de irrupções do totalmente diferente ("Es ganz Andern") sobre pessoas humanas (Abraão, Jacó, Moisés, os profetas). O conjunto dos mitos que jorram desses encontros, e a posterior ritualização desses mitos, forma o rio poderoso do judaísmo. Este, por sua vez, desemboca no oceano da civilização ocidental, sem, paradoxalmente, perder a sua individualidade dentro desse oceano. Nesses mitos o "Sou Quem Sou" (a "realidade") revela em linguagem simbólica um dos Seus aspectos. Nós ocidentais somos obrigados a aceitar essa revelação, não temos liberdade autêntica para recusá-la. Nossas mentes foram projetadas por essa revelação, são realizações de um projeto contido nos mitos que deram origem ao judaísmo. Queiremos ou não, como ocidentais somos judeus. Podemos tentar, como Nietzsche, arrancar as nossas raízes judaicas para destruí-las, revalorizar os nossos valores e proclamar aos quatro ventos que "Deus morreu". Mas essa própria revalorização implica o projeto judaico que somos. Em sua análise penetrante de Nietzsche, Heidegger não deixa margem à dúvida quanto a isto.

Qual é o aspecto da "realidade" revelado nos mitos que constituem o judaísmo? Qual é a "epifania" do judaísmo? Para caracterizá-lo, comparamo-lo com epifanias alheias, por exemplo a olímpica, a egípcia, a hindú, enfim pagã. O "paganismo" é a revelação do Divino na natureza. Todo animal, toda árvore, toda fonte, toda colina revela um deus, se sorvida e absorvida pelo "iniciado". A natureza está cheia da presença Divina. No curso da festa pagã essa presença se revela ao homem que se funde orgiasticamente com a natureza. Cada coisa da natureza revela um aspecto diferente do Divino omnipresente. A Terra é o colo fértil e materno do qual surgimos e para o qual

voltaremos, é a Grande Mãe omnipresente. O Céu é o poder paterno frutificante que nos gerou e que nos destruirá, é o Jovis Pater omnipresente. O Oceano é o elemento primordial ("Hydor men ariston") do qual surgimos, e do qual surgiu Aphroditè, a nascida da espuma (Anétiomene), a Beleza que tudo abrange. Toda coisa revela o mundo inteiro. Toda coisa abrange todas as coisas. O homem, quando se submete humildemente às coisas, quando as adora, quando é "supersticioso" no sentido clássico desta palavra, comunga com o Todo, com o "Um" parmenidiano. O paganismo é fundamentalmente monoteísmo. Procura o Ser (tò on) nos seres (tè onta).

A revelação que constitui o fundamento do judaísmo, e com isto do Ocidente, se opõe diametralmente a esta visão das coisas. A sua vivência da natureza é totalmente alheia à orgia pagã. Opõe à natureza uma ordem "sobrenatural". A natureza, longe de ser a presença do Divino, é uma criação do Divino. Foi criada e será superada "na plenitude dos tempos". A natureza é temporal, com efeito é efêmera. Tem "história". O Divino é intemporal, é o "Eterno". A ordem "sobrenatural", intemporal representa a realidade verdadeira, em oposição à natureza que não passa de "obra". Imaginar o Divino nas coisas da natureza é portanto um "pecado", uma blasfêmia proibida nos Dez Mandamentos. É preciso superar a natureza, é preciso "governá-la". A ordem sobrenatural que representa a realidade verdadeira é espiritual, é "pensamento". É preciso governar a natureza pelo pensamento. O Divino se realia pensando. O homem, como ser pensante, participe da realidade sobrenatural. Com efeito, sendo "pensamento" idêntico com "língua"? é o Divino inimaginável, mas audível. Deus fala (omar Adonai). O homem escuta e obedece (chemé Israel). Deus é uma palavra, um Nome (hechem hacadoch, logos). Governar a natureza significa submetê-la à ordem sobrenatural do pensamento, à ordem da língua. É operar dentro da natureza os mandamentos Divinos (mitsvót, opera). É conservar fidelidade à ordem sobrenatural dentro da natureza (emuná, fides). Governando a natureza o homem axku governa uma parte de si mesmo (adamá, caro) graças à sua parte verdadeiramente divina (nefech, anima). Nesse obra o homem é inspirado pelo hálito espiritual Divino (ruach, pneuma, spiritus sanctus). Nessa obra pode contar, portanto, com a assistência Divina (tefilá, gratia). Esta é a verdadeira missão do homem dentro da natureza. Agostinho a define maravilhosamente: "Deum atque animam cognoscere cupisco. Nihilne plus? Nihil." (Deus e a alma desejo ardentemente conhecer. Nada mais? Nada.)

Esta é portanto a revelação fundamental do judaísmo: a oposição da ordem espiritual à ordem da natureza. A natureza é objeto do espírito. O espírito é sujeito. A ordem espiritual é a ordem linguística, é lógica, é "davar, verbum". "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus." A praxis do homem, (e soma das suas "mitsvót") é a articulação da natureza de acordo com o Verbo Divino. A praxis do homem é a encarnação do Verbo Divino na natureza. O Verbo Encarnado é a meta do judaísmo. É a submissão total, (portanto redenção total) da natureza. Essa praxis resultou na civilização ocidental. Resultou no cristianismo, resultou no humanismo, resultou na ciência, resultou na industrialização, resultou na transformação da natureza em parque industrial, e das coisas da natureza em instrumentos. O instrumento é a coisa humilhada, profanizada, submetida à ordem sobrenatural do pensamento e a coisa articulada de acordo com o Verbo Divino. O instrumento é o contrário do ídolo pagão. O instrumento é o paganismo vencido, é o judaísmo triunfante. A transformação das coisas em instrumentos é a realização do judaísmo. A história do Ocidente é a história da profanação da natureza e da sacralização do pensamento. O "cogito" cartesiano é o grito triunfal do pensamento sobre a "res extensa", do judaísmo sobre o paganismo. É a vitória da palavra. Houve revoltas contra essa vitória. Houve tentativas de ressuscitar o paganismo. Mas falharam, como tiveram necessariamente que falhar. A revolta Schopenhaueriana resultou em pessimismo. A revolta nietzscheana resultou na loucura, no curso da qual Nietzsche se assinava "Christus Imperator". A revolta bergsoniana resultou no batismo. Não é possível, para nós ocidentais, abandonar a revelação do judaísmo. Não é possível trair o espírito e reconquistar o sacramento das coisas. Para nós o sacro é definitivamente o espírito, o Verbo. A nossa dignidade como homens reside em nossa dignidade como seres pensantes. Como tais estamos irrevogavelmente opostos à natureza, alienados da natureza, "transcendemos" a natureza. Como seres pensantes estamos opostos àquilo que Schopenhauer chamava de "vontade", que Bergson chamava de "élan vital" e que os pensadores existenciais chamam de "Dasein". O pensamento, sendo sobrenatural no sentido judaico, é inimigo da "vida" no sentido pagão dessa palavra. O pensamento é um manipular das coisas. O pensamento é a profanação das coisas. O pensamento é a suprema "mitsvá". O pensamento é um serviço ao Divino ("Gottesdienst") no sentido judaico. Embora seja o pensamento uma humilhação das coisas, é ele um humilhar-se do homem face ao "Sou Quem Sou". Pensando o homem adora a "realidade" sobre-

natural. O pensamento é uma única reza gigantesca. É uma resposta (techuvá) à provocação (chemá) do Nome (hechem). O pensamento é justo (tsadic) não por que é adequado à coisa (adaequatio intellectus ad rem) mas porque é adequado ao Nome. O pensamento é portanto uma reza, uma resposta e uma justiça (tefilá, techuvá, tsedacá). O pensamento é nossa dignidade e nossa hostilidade (no sentido camusiano).

A exuberância orgiástica da vida pagã é nos vedada. Temos, em compensação, a aventura do pensamento. Pelo pensamento superamos a temporalidade de natureza e superamos a "morte". "Was in schwenkender Erscheinung schwebt, befestiget mit dauernden Gedanken" (Fausto) (o que paira em aparição flutuante, consolida-se com pensamentos duráveis). O pensamento, participando da ordem sobrenatural, é eterno. Supera a "morte". O pensamento é uma organização de palavras. O pensamento é uma frase. Participando na conversação, estamos superando a "morte". Participando na conversação, estamos superando a nossa condição "natural" de mortais. A conversação é a superação da condição humana. É portanto absurda. O pensamento é um esforço absurdo do homem de superar a sua própria condição e participar da Eternidade. A língua é o esforço absurdo do homem de articular o inarticulável, é uma resposta absurda à provocação Divina. E nessa absurdidade reside a dignidade humana.

A revelação fundamental do judaísmo, pondo o homem em oposição à natureza e fazendo participá-lo da ordem sobrenatural, é absurda. É justamente por isto que é uma revelação autêntica. A absurdidade, o paradoxo, é o sinal da autenticidade. É na absurdidade, é no paradoxo, que o "totalmente diferente" aparece. O judaísmo é uma religião autêntica, porque absurda. Deve ser aceita com fé. Querendo transformar o judaísmo em "religião de razão" é portanto tentativa desesperada. O judaísmo é uma religião de "razão", no sentido de opor a razão à natureza. Mas o judaísmo é irracional no sentido de conceder primazia ontológica à razão em detrimento da natureza. O judaísmo é uma fé irracional, absurda na razão. Toda tentativa de racionalizar esse fé resulta na de autenticação do judaísmo.

Como ocidentais participamos todos dessa fé. Aceitamos irrevogavelmente os mitos dos quais surgiu. Podemos não participar dos ritos e das festas nos quais os mitos se realizam. Podemos participar de outros ritos e de outras festas que realizam os mesmos mitos (cristianismo, socialismo) ou podemos recusar a participação em qualquer rito. Mas não podemos fugir dos mitos. Não podemos fugir do judaísmo, sob pena de ficarmos excluídos da conversação oci-

mental.